



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
MONOGRAFIA EM LITERATURA

ISADORA ANDRADE CARVALHO

“CORPO DE MULHER, PERIGO DE MORTE”:
UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NAS
OBRAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E DE SÉRGIO SANT’ANNA

BRASÍLIA
2018

ISADORA ANDRADE CARVALHO

“CORPO DE MULHER, PERIGO DE MORTE”:
UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NAS
OBRAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E DE SÉRGIO SANT’ANNA

Monografia apresentada ao Instituto de
Letras da Universidade de Brasília como
requisito parcial para a obtenção do título de
bacharel em Letras Português.

Orientadora: Professora Doutora Maria
Isabel Edom Pires

BRASÍLIA
2018

DEDICATÓRIA

Os cachinhos dourados caídos sobre a pele branca, já foram longos, já foram curtos, ela não tem problema em mudar. O sorriso largo e a serenidade de uma mulher que acredita que a vida é bela e é palco de pequenos milagres diários. Por amar viver, ela percebe as maravilhas a sua volta, ela coloca cores por onde passa e deixa no seu dia-a-dia o impacto do cor-de-rosa que tanto a encanta.

Ela tem a espetacular e paradoxal capacidade de sair impecavelmente bela ou incrivelmente desleixada dependendo do seu humor, da sua distração, do vento, do tempo e do sentimento. Ela se veste como quer e não deixa ninguém abalar seu amor próprio. Ela sabe se amar, ela sabe dar amor e ela é muito amada.

A verdade é que quando ela chega, faz barulho, ocupa espaço, traz um cheiro bom e uma alegria que é só dela. E vai dizendo que estava com saudades e conta o que está acontecendo na sua vida, e tudo isso sempre vem acompanhado de questionamentos importantes: “o que temos de bom para comer? Vamos fazer uma gordice?”. Ah... ela adora conviver, cozinhar, conhecer novos restaurantes, novos sabores, novos lugares, novas pessoas, novos amores.

Ela é fascinada por viagens e se encaixa em qualquer lugar. Passou um tempo fora, viveu, conheceu e voltou. Quando chegou do exterior, trazia malas e malas, um monte de histórias e um número ainda maior de sonhos. Com apenas vinte anos, ela vive plenamente o presente sem deixar de imaginar e planejar o futuro. Como alguém tão jovem sabe viver tão intensamente? Parece que ela não tem medo de envelhecer, de se arriscar ou de partir para outras terras. Parece que essa menina-mulher quer sentir a fundo todas as experiências, quer guardar em si, para sempre, um pouco de todas as belezas e delícias da vida.

E assim a memória dela é cheia de vivências, de encantos, de experiências. Durante seu tempo fora, cuidou de uma criança americana, participou dos seus primeiros passos e das suas primeiras palavras, ensinou-a a cantar cantigas em português e a falar palavras fundamentais: meleca, pereba, mamãe, saudade. Como traduzir a palavra “saudade” para o inglês? Não teve jeito, a criança entendeu pela experiência o que significava, sentiu saudade da mamãe brasileira quando ela foi embora. E assim elas marcaram mutuamente a vida uma da outra, e a história era sempre relatada acompanhada de tanto amor e alegria que era perceptível que ela tinha sido e se sentido um pouco mãe.

Estudante de biologia, ela é extremamente dedicada e competente, ama o que faz. O mar, que ela acha infinito, misterioso e sereno, lhe traz um encantamento especial. Não demorou para que descobrisse uma paixão pelo mergulho, pela vida marinha: águas-vivas, baleias, tartarugas. Por estas o deslumbre era tamanho que ela gravou na pele, no pulso direito. Uma tartaruga, sua primeira tatuagem.

Ela é uma mulher de fé, deposita seus sonhos nas mãos de Deus e tem imensa gratidão a Ele por lhe permitir toda a sua existência. É grata por tudo que tem, pela família incrível, pelos amigos, pela vida. Sabe que a sorte a escolheu, mas se mantém sempre disposta a lutar, a trilhar o próprio caminho. Ela não tem medo de ser quem é, nem de correr atrás do que quer.

Essa é a Louise: mulher, filha, irmã, amiga; e esse relato tentou mostrar um pouquinho do que ela foi. Sim, ela FOI. Mesmo sendo guerreira, sonhadora, inteligente, feliz, de coração puro; nada foi o suficiente para que ela sobrevivesse. Vítima de feminicídio, Louise Maria da Silva Ribeiro foi morta, por ser mulher, no dia 10 de março de 2016, deixando muitos sonhos, muitas promessas, muitos planos para trás.

Um dia ela escreveu para uma amiga: “Guarde um lugar para mim ao sol”. Ela queria ser lembrada...

A história da Louise, e de muitas outras vítimas, não foi em vão. Elas deixaram um legado de luta para as mulheres que acreditam em milagres; para as mulheres que resistem a imposições e a maus-tratos e que buscam construir seu verdadeiro espaço na sociedade; para as inúmeras mulheres que ainda têm que provar sua capacidade e impor o respeito que lhes é de direito. Elas têm o direito de crescer, de brilhar. Elas têm o direito de viver.

O presente trabalho é dedicado à Louise e a todas as mulheres que foram e que, infelizmente, ainda serão vítimas de violência.

*our knees
pried open
by cousins
and uncles
and men
our bodies touched
by all the wrong people
that even in a bed full of safety
we are afraid*

Rupi Kaur, Milk and Honey.

RESUMO

O presente trabalho discute a representação da violência contra a mulher, especificamente estupro e feminicídio, nos contos “O monstro” e “Romeu e Julieta”, de Sérgio Sant’Anna, e “Aramides Florença”, “Shirley Paixão” e “Isaltina Campo Belo”, de Conceição Evaristo. As análises das obras apontam para a forte presença da violência no Brasil e a para a naturalização dela dentro da sociedade. A partir disso, essa monografia busca contemplar o feminicídio e os mais diversos tipos de estupros, cometidos por familiares, por desconhecidos, por vários algozes ao mesmo tempo, de forma a relacionar literatura e violência e compreender a necessidade de debater o tema.

Palavras-chave: 1. Literatura brasileira contemporânea. 2. Violência. 3. Estupro. 4. Feminicídio.

ABSTRACT

The present work talks over the representation of violence against women, specifically rape and femicide, in the short stories "O Monstro" and "Romeu e Julieta", by Sérgio Sant'Anna, and "Aramides Florença", "Shirley Paixão" and "Isaltina Campo Belo "by Conceição Evaristo. Reviews of the writings point to the strong presence of violence in Brazil and to its naturalization within society. From this point of view, the monograph seeks to contemplate femicide and the most diverse kinds of rapes, committed by relatives, by strangers, by multiple abusers at the same time, in order to relate literature and violence, to understand the need to debate the issue.

Keywords: 1. Contemporary Brazilian literature. 2. Violence 3. Rape. 4. Femicide.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. DESENVOLVIMENTO.....	10
2.1. LITERATURA E VIOLÊNCIA	10
2.2. O MONSTRO	15
2.3. ROMEU E JULIETA.....	19
2.4. ARAMIDES FLORENÇA.....	21
2.5. SHIRLEY PAIXÃO	25
2.6. ISALTINA CAMPO BELO	30
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista a forte presença da violência no Brasil, ela deixou de ser apenas recorrente e tornou-se parte intrínseca da cultura brasileira. Isso porque, embora seja um crime que gera diversas consequências, é algo que faz parte da realidade cotidiana da sociedade, trazendo um sentimento não apenas de medo e insegurança, mas também de habitualidade, banalidade. Logo, criou-se na população uma sensação de impotência e resignação diante da violência.

A partir disso, a literatura, como manifestação artística do ser humano, expressa as facetas através das quais a violência se apresenta. Essa tarefa, porém, é de difícil execução uma vez que não há maneira fácil de representar o crime, a memória da violência, a dor extrema, a perda irreparável, o trauma, a degradação das condições humanas.

Ademais, a violência exprime-se das mais variadas formas, podendo ser psicológica, simbólica, física, atacando a si próprio, a crianças ou adultos, a mulheres ou homens, a pobres ou ricos. Ela pode se mascarar por meio de crenças, sentimentos como vingança e ciúme, uso de drogas, preconceito, desigualdade social.

Dentre os inúmeros tipos de agressões existentes, a representação da violência contra a mulher, especificamente o estupro e o feminicídio, na literatura é o objeto de estudo dessa monografia. Para isso, foram selecionados cinco contos, dentre os quais (a) três são da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo: “Aramides Florença”, “Shirley Paixão” e “Isaltina Campo Belo”; (b) e dois são de Sérgio Sant’Anna: “O monstro” (1994), que dá nome ao livro do qual faz parte, e a quarta micronarrativa de “Romeu e Julieta”, da obra *Notas de Manfredo Rangel* (2007). Logo, eles serão analisados de forma a gerar uma compreensão mais profunda sobre a relação entre a literatura e as atrocidades realizadas contra a mulher.

A escolha do tema se dá pela necessidade de discutir o fenômeno da violência contra a mulher no Brasil, já que este constitui um dos grandes problemas de segurança pública do país. É preciso que haja holofotes em torno da temática para que ocorra uma mudança no pensamento e nas atitudes arcaicas que permeiam a sociedade.

Os contos de Conceição Evaristo são relatados por meio de uma narradora-ouvinte que dedica a sua vida a viajar e ouvir as mais diversas experiências vividas por mulheres negras, que vêm a ser as protagonistas da história. As vivências delas carregam aspectos de luta e sobrevivência, e são marcadas por singularidades.

A esse ato de ouvir e escrever o que lhe foi contado, Evaristo (2016) deu o nome de *escrevivência*, pois em cada narrativa ela acrescentava algo, tornando a história um pouco sua: “Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (com)fundem com as minhas. Invento? Sim, invento, sem o menor pudor” (p. 8).

Sérgio Sant’Anna, por sua vez, aborda o tema da violência em “O monstro” através de um viés erótico e em uma estrutura de entrevista a partir da qual o professor de filosofia Antenor conta ao repórter Alfredo como ele assassinou Frederica, uma moça quase cega. O conto é marcado pelo discurso jornalístico em união com o relato confessional do assassino, contrapondo o tom cínico e cruel em que é descrito o crime, com a fala sensata e, por vezes, sentimental do confesso.

Ademais, na quarta micronarrativa de *Romeu e Julieta*, um narrador em terceira pessoa conta a história de uma mendiga que é estuprada por um homem. Em apenas seis linhas, é possível sentir o impacto do abuso sexual, marcado pelo distanciamento do narrador ao relatar o acontecido.

Dito isso, nota-se a forma diferenciada como as obras de Evaristo e Sant’Anna tratam a violência contra a mulher. O presente trabalho busca, pois, contrastar esses contos, relacionando seus mais diversos aspectos e obtendo um entendimento mais profundo sobre a temática.

Será objeto de estudo a forma discursiva de cada conto, uma vez que o discurso realiza papel essencial e intrínseco a essas histórias, moldando-as e permitindo que elas alcancem o leitor através dos mais diversos sentimentos, desde repulsa à compaixão.

Por último, questiona-se qual seria o papel da violência na produção literária, o que essa expressão artística evoca na sociedade e quais são os desafios a enfrentar com relação a ela.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. LITERATURA E VIOLÊNCIA

A violência é um elemento constituinte e persistente da cultura brasileira. Ela é essencial para o entendimento da estrutura social, já que faz parte da história e do cotidiano nacional. É uma realidade assustadora, traumática e ao mesmo tempo comum à comunidade, além disso, ela tem seu crescimento ligado, diretamente, ao desenvolvimento da sociedade e das grandes cidades ao longo dos séculos.

A sociedade brasileira, construída através dos interesses da tradição patriarcal, sofre com o impacto brutal da violência social. Esta possui inúmeras categorias e é presença marcante na história do Brasil, desde o período colonial com o genocídio dos indígenas, o tráfico negreiro, a escravidão; até os dias atuais, com os abusos policiais, os estupros, as agressões atreladas aos preconceitos de raça, religião, orientação sexual, agressões a crianças, machismo. A partir desse fato, é possível perceber que a violência brasileira “tem uma função propriamente constitutiva; ela define condições de relacionamento público e privado, organiza instituições e estabelece papéis sociais” (GINZBURG, 2012, p. 241).

A literatura e as artes modernas, ao tratarem da violência na sociedade brasileira, enfrentam um complexo quadro e um ambiente difícil de se expressar. Isto porque não há maneira simples de narrar a natureza de algo tão cruel, e representar o que é viver em um país que possui tão intensa cultura de agressão. É preciso ter em mente, também, que a história brasileira é marcada por uma tradição autoritária, cujo fruto é a violência. Logo, o estudo da literatura exige compreender a relação entre esta e o autoritarismo.

A violência é estudada e tratada em várias áreas, como na história, nas ciências sociais e no jornalismo, mas a literatura apresenta uma representação divergente dessas outras, uma vez que ela “penetra na violência exatamente naquilo que escapa aos outros discursos apenas representativos, naquilo que é o elemento produtivo e catalisador na violência e o faz comunicar” (SCHOLLHAMMER, 2013, p. 108). Dessa forma, gera-se uma comunicação poética entre o real e o ficcional, entre o representado e o imaginado.

Ademais, é importante ter em mente a intrínseca relação entre a arte a vida. A primeira é a representação dos acontecimentos da segunda, porém ela é autônoma,

não possui compromisso com a moral e com a ética, o que lhe permite se expressar da maneira que deseja. Como consequência, a literatura funciona não só como uma expressão de uma história imaginária ou real, mas ressimboliza a realidade absurda e incômoda do crime.

Nesse sentido, afirma Schollhammer:

Na literatura e nas artes o alvo principal é esse elemento enigmático e fugidio presente tanto na dor que ela produz quanto na brutalidade cega e irracional do ato violento, e a expressão torna-se uma maneira de se aproximar da violência e ao mesmo tempo de se proteger dela (2013, p. 8).

Existe uma crença de que a representação da violência na literatura nada mais é que uma glorificação das agressões e que essa atitude é perigosa, podendo incentivar a população a realizar tais atos. É necessário ter em mente, porém, que o objetivo é exatamente o oposto: busca-se, por meio do retrato das ocorrências, dar visibilidade a esses crimes tão silenciosos e desumanos a fim de que atitudes sejam tomadas no sentido de eximá-los.

A violência contra a mulher, tema escolhido para essa monografia, existe há séculos e, embora ela tenha sido sempre tão presente, a discussão sobre a temática e a busca pela erradicação desse crime é recente. Isso porque a sociedade brasileira, pautada na cultura do patriarcalismo e do machismo, ainda vê com olhos de normalidade as agressões contra a mulher. Estas são fruto da construção social da moral feminina e de seu corpo, que impõem regras e comportamentos considerados adequados às mulheres. Como resultado dessas imposições desde o seu nascimento, a mulher, ao ser violentada, sente-se culpada e merecedora da violência.

A moral feminina se impõe, sobretudo, através de uma disciplina incessante, relativa a todas as partes do corpo, e que se faz lembrar e se exerce continuamente através da coação quanto aos trajes ou aos penteados. Os princípios antagônicos da identidade masculina e da identidade feminina se inscrevem, assim, sob forma de maneiras permanentes de se servir do corpo ou de manter a postura, que são como que a realização, ou melhor, a naturalização da ética (BOURDIEU, 1999, p. 38).

O estupro e o feminicídio são os tipos de violência contra mulher que serão estudados no presente trabalho. O estupro é um dos tipos mais abomináveis de violência já que ele desconsidera toda a humanidade da vítima, tornando-a apenas um objeto de suposto prazer, sem nenhum direito sobre o próprio corpo. O ato não

se trata de sexo, afetividade, intimidade, é antes uma violência de gênero e uma relação de poder ao qual os homens submetem as mulheres. As consequências dessa atitude são extremamente danosas e geram sequelas físicas e emocionais.

Mulheres que sofrem crimes sexuais apresentam riscos expressivos de desfecho letal, traumatismos físicos, transtornos sexuais, doenças sexualmente transmissíveis (DST), hepatites virais, infecção pelo HIV e gravidez forçada e indesejada (SCHEI, 1997). As consequências psicológicas incluem o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), depressão, ansiedade, ideação suicida, distúrbios alimentares e do humor. Observa-se associação com maior consumo de álcool e outras drogas, comprometimento da qualidade de vida, da relação com o corpo e dos relacionamentos interpessoais. Existe significativa relação entre violência sexual e sintomas de dissociação, congelamento e hipervigilância (SOUZA et al., 2012, Apud ZANELLO, 2016, p.60).

Rita Laura Segato (2015) afirma que o estupro é um enunciado que se expressa a partir de dois eixos: (1) vertical, no qual o estuprador se dirige à mulher submetendo, disciplinando e censurando-a, uma vez que ele tem o papel de soberano e detém o controle dela e da situação; (2) horizontal, em que o discurso é dirigido aos pares do agressor, de forma que ele possa provar seu pertencimento ao grupo, através de sua “força” e de sua “viril masculinidade”.

Ambos os eixos podem ser explicados historicamente a partir do patriarcado e do machismo que criam e reforçam a posição da masculinidade como um processo pertencente e necessário aos homens, para que eles se sintam superiores em relação ao resto da sociedade e, principalmente, em relação às mulheres. Logo, é possível afirmar que os ataques sexuais não são, em geral, realizados por pessoas que possuem doenças mentais ou desvios individuais, é antes um sintoma da sociedade como um todo, a expressão da forma como ela é organizada.

O estupro, dentre as formas de violência, é também parte integrante da cultura brasileira. A construção social do corpo da mulher como objeto de desejo do homem fez com que se tornasse comum a banalização e a justificação da violência sexual como culpa do sexo feminino. Tal fato é bem ilustrado na pesquisa do Ipea (2014), que apresenta dados assustadores a respeito da visão da população sobre o tema, favorecendo, assim, à cultura do estupro:

Uma pesquisa sobre percepção da população sobre a violência contra a mulher revelou que 58,5% dos brasileiros concordam total ou parcialmente com a afirmação de que “se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros” (ENGEL, 2017, p. 17).

É preciso ressaltar que a violência sexual não é um ato restrito ao sexo feminino. Há estupro contra o gênero masculino também, porém eles não serão abordados no presente trabalho.

Aos poucos, a sociedade tem compreendido a necessidade de mudança e criado leis para defender os direitos das mulheres e punir os agressores. Desde 2006, a lei Maria da Penha atua através de mecanismos que buscam coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Merece ênfase o art. 2º da referida lei:

Art. 2º: Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.

Ainda é relevante salientar que a vulnerabilidade feminina não é homogênea, isto é, existem subgrupos, com diferentes condições, que são mais suscetíveis à violência. É o caso das mulheres deficientes, cuja ausência de dados no Brasil sobre o número de casos de abusos sexuais por elas sofridos e a falta de preparo do Estado para lidar com a violência contra esse grupo é alarmante. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) afirma, no preâmbulo:

q) Reconhecendo que mulheres e meninas com deficiência estão freqüentemente expostas a maiores riscos, tanto no lar como fora dele, de sofrer violência, lesões ou abuso, descaso ou tratamento negligente, maus-tratos ou exploração.

Portanto, é preciso que a lei saia do papel e seja colocada em prática, de forma a proteger, efetivamente, as mulheres deficientes contra a violência.

Ademais, apenas recentemente, no ano de 2015, criou-se a Lei do Feminicídio que conceitua “feminicídio” como a agressão contra a mulher no ambiente doméstico ou familiar, ou a violência devido ao menosprezo ou discriminação à condição de ser mulher, gerando lesões e agravos à saúde que levam à morte da vítima. A lei afirma, também, ser esse um crime hediondo que pode ter agravantes quando a mulher estiver em condições vulneráveis como gravidez, ser menor de idade etc.

El feminicidio representa el extremo de un continuum de terror anti-femenino e incluye una amplia variedad de abusos verbales y físicos, tales como violación, tortura, esclavitud sexual (particularmente por prostitución), abuso sexual infantil incestuoso o extra-familiar, golpizas físicas y emocionales,

Acoso sexual (por teléfono, en las calles, en la oficina, y en el aula), mutilación genital (clitoridectomías, escisión, infibulaciones), operaciones ginecológicas desnecesarias (histerectomías gratuitas), heterosexualidad forzada, esterilización forzada, maternidad forzada (por la criminalización de la contracepción y del aborto), psicocirugía, negación de comida para mujeres en algunas culturas, cirugía plástica, y otras mutilaciones en nombre del embellecimiento. Siempre que estas formas de terrorismo resultan en muerte, ellas se transforman en feminicidios (Caputi e Russell, 1992, p. 15 Apud Segato, 2006, p. 3)

Nota-se que definir feminicídio não é uma tarefa fácil. Isso porque ele é um crime de ódio que engloba todos os tipos de violência contra mulher que culminam em morte e, infelizmente, esses atos agressivos realizados às mulheres são numerosos e variados.

A partir das informações acima, faz-se necessário, agora, analisar os contos.

2.2.O MONSTRO

“O monstro” é a história da entrevista feita entre Antenor, professor universitário de filosofia e assassino de Frederica, e Alfredo Novalis, repórter da revista *Flagrante*. O relato jornalístico é realizado na Penitenciária Lemos Brito e ocorre em duas partes, sendo que na primeira o professor conta ao entrevistador como se deu o abuso sexual e o assassinato da jovem quase cega Frederica; e na segunda, ele revela os acontecimentos na vida dele e de sua noiva Marieta, cúmplice do crime que se suicidou nos dias que procederam o feminicídio, quando soube que Antenor se entregaria.

O relato jornalístico é contrastado com o discurso erudito e confessional realizado por Antenor ao responder às perguntas do entrevistador com “extrema lucidez e articulação verbal” (SANT’ANNA, 1994, p. 39). Nota-se, então, uma linguagem descritiva e minuciosa dos fatos que levaram ao crime e, também, uma tentativa do professor de assumir a responsabilidade e explicar-se diante do ocorrido, mesmo tendo consciência de que não havia justificativa para tamanha atrocidade.

A revista *Flagrante* fundamentou a necessidade da entrevista através da afirmação de que poderia contribuir para a compreensão dos mecanismos psicológicos e existenciais que permeiam a realização de crimes hediondos, como o de Frederica. No entanto, é possível afirmar que o ato da entrevista se dava, também, e talvez até mais, pela vontade de nutrir a população com os minuciosos detalhes do crime. Antenor tinha plena consciência desse fato e, por isso, antes de assinar as folhas originais do relato, permitiu-se alterar o texto “revelando preocupações de ordem sintática e de clareza” (p. 40).

A violência contra Frederica tem início, precisamente, quando Antenor coloca um comprimido de 5mg de Valium, tipo de sedativo usado no tratamento contra a ansiedade, no refrigerante da jovem. Segundo o professor, a intenção era deixar aquela mulher mais leve e disposta a dormir ali, na casa de Marieta. A vítima, inocentemente, pede uma taça de vinho e, o efeito do álcool com o remédio, a deixa vulnerável.

Antenor relata ao entrevistador que ele e Marieta já haviam dado esse remédio a duas outras mulheres, buscando o mesmo resultado: que ficassem mais soltas. Apesar disso, ele também afirma que não lhe passava pela cabeça abusar

sexualmente de Frederica. Essa afirmação, porém, é extremamente contraditória, uma vez que eles se utilizaram de drogas para manipulá-la e mantê-la no ambiente que desejavam. Além disso, destaca-se que, mesmo que as outras mulheres tenham “aceitado” ter relações sexuais com eles, se elas estavam sob o efeito de medicamentos tomados inconscientemente, não há como afirmar que estivessem de fato cientes e certas da permissão do ato sexual, o que já poderia configurar estupro.

Frederica, já fraca das drogas, dançava com Marieta e Antenor se apoiando neles para realizar os passos. Não demorou para que a jovem cega começasse a balbuciar palavras sobre ir embora, sobre telefonar para casa. Estas foram ignoradas pelo casal, que a convenceu a deitar no sofá. Nesse momento, ocorre o segundo ato de violência contra aquela mulher: ao ficar levemente inconsciente, Marieta aplica cocaína nas narinas de Frederica, enquanto Antenor e ela aproveitam da vulnerabilidade da vítima e passam as mãos sobre o corpo dela.

É necessário ter consciência de que o estupro já ocorria nesse momento, uma vez que ele não é apenas o ato da penetração, mas qualquer abuso do corpo feminino sem o seu consentimento. Segundo o relato do professor, ao se utilizar da droga na jovem, Marieta buscava tornar Frederica cúmplice do crime: “Marieta queria trazer Frederica a todo custo para a nossa órbita, fazê-la cúmplice de sua própria degradação” (p. 60-61). Logo, parece haver uma tentativa de disfarce da violência ao afirmar que havia o desejo de que a vítima participasse.

O estupro é caracterizado, principalmente, pelo controle da vítima, agindo como se ela fosse um objeto de posse. Tal característica aparece constantemente no relato de Antenor: “Ela era minha, num certo sentido. E eu me via possuindo-a outra vez” (p. 72). No entanto, o professor disfarçava a crueldade do abuso sexual declarando, veementemente, que possuía o corpo de Frederica “da forma mais amorosa e delicada possível”, que “não queria magoá-la ou feri-la” (p. 62).

Parece, portanto, que Antenor usa de seu excelente domínio da palavra para direcionar o crime da forma que melhor lhe convém. Ele tem consciência de que nada o tornará menos culpado, mas que ele pode amenizar e até romantizar a violência que cometeu, transformando-a, quem sabe, em um ato impulsivo de amor.

A aplicação da cocaína ocorreu novamente e, quando a jovem reagiu à droga estimulante espirrando e se debatendo, o casal utilizou-se de éter embebido

em uma almofada e comprimida contra o rosto de Frederica para mantê-la inerte. Enquanto Marieta mantinha a almofada sobre a vítima, Antenor consumou o estupro.

Vale notar a forma através da qual o professor retrata Marieta: como a principal responsável e a mentora do crime. Ele cria um perfil psicológico de uma mulher controladora, fria, egoísta, capaz de tudo para realizar as suas fantasias e que tinha extrema influência sobre ele. Esse fato fica bem ilustrado no momento do estupro, uma vez que Antenor afirma que sua noiva lhe incentivou a cometer o ato: “O que você está esperando?”, “Vem cá e come ela de uma vez” (p. 61). Pode-se entender essa constante culpabilização de Marieta por parte de seu namorado como uma maneira de compartilhar a responsabilidade dele sobre o crime. Sendo o único vivo e o detentor da palavra, Antenor possuía o poder de relatar os fatos da maneira que melhor lhe servia.

Além disso, o entrevistador comenta com Antenor a qualificação de “monstros” que foi dada a ele e a Marieta pela população e pelo promotor. A resposta do assassino ao comentário foi afirmar que sua noiva possuía as características tais quais a de um monstro, no entanto, em momento algum, o professor revela se ele teria também esse perfil. Dessa forma, ele atribui, novamente, a culpa da violência a sua cúmplice:

Marieta não passava de uma criança, sob certos aspectos, infantil até em sua crueldade e egoísmo. [...] Havia uma espécie de pureza infantil em sua amoralidade. Marieta não suportava a frustração. O fato é que se você tiver a psicologia de uma criança em um adulto dotado de força e inteligência, eis o monstro (p. 73).

À medida que se sucederam os fatos, o casal assassino foi percebendo que já não havia mais volta. Não existia a possibilidade de que Frederica se mantivesse viva e não os condenasse pela violência a qual ela foi submetida. Como disse o agressor: “Seria terrível e inaceitável para mim que Frederica voltasse a si para acusar-me e desprezar-me” (p. 63). Dessa forma, o feminicídio foi efetivado por meio da inalação prolongada do éter.

Após o feminicídio, o casal carregou a vítima ao carro e dirigiram até um matagal, no qual abandonaram o corpo de Frederica, sem o lençol que a cobria. O professor disse ao entrevistador “me lembro de um grande alívio, distensão, por termos nos livrado do cadáver. Naquele momento ele não era de Frederica, era de ninguém, apenas um fardo muito perigoso do qual conseguíamos nos descartar” (p.

67). As palavras “alívio”, “fardo”, “cadáver” e “descartar” demonstram um grande descaso por parte do homem com relação à jovem. Tal relato transmite extrema frieza quando combinado com o fato de que, depois do descarte do corpo, Antenor e Marieta foram jantar.

Deve-se ter em mente, também, que Frederica além de ser mulher, estava em um lugar desconhecido, foi drogada e possuía mais um fator de vulnerabilidade: a cegueira. Esta foi vista por Antenor como um elemento de sensualidade, em suas palavras, ele sentiu-se “muito excitado” e “comovido” ao vê-la nua secar os cabelos, sem olhar para o espelho e com extrema naturalidade. Além disso, a deficiência da jovem dava a ela certo aspecto de inocência e introspecção que encantava o assassino.

Antenor era um homem estudado, professor de filosofia. Logo, é fundamental questionar a relação da intelectualidade com a violência. Ao contrário do senso comum, que acredita que o crime é realizado, normalmente, por marginais e pessoas sem conhecimento, o conto quebra esse paradigma ao apresentar um assassino doutor, alguém que possuía plena consciência de que o que estava fazendo era errado. Nas palavras de Ginzburg (2012, p. 199), “trata-se de um relato que dissocia inteligência e ética, e nos faz ver o intelecto sendo usado como uma força potencialmente ameaçadora”.

Sant’Anna ainda vai além e destrói, também, a associação do estupro e feminicídio às pessoas que possuem algum tipo de psicopatia ou doença mental. O estuprador de Frederica era um homem normal e mesmo assim foi capaz de realizar esse ato tão desumano. Tal fato é bem ilustrado pela sensatez e objetividade com a qual Antenor responde ao entrevistador:

Não, não estou louco. Estou certo de que o que se passa em minha mente, em toda minha mente humana, é natural a ela e passível de ser entendido por todas as mentes (p.78).

A obra de Sérgio Sant’Anna, ao ser apresentada como um relato jornalístico, é carregada de uma frieza que impede ao leitor que se emocione com os acontecimentos. Ademais, o discurso é realizado de forma minuciosa e, teoricamente, comprometido com a razão e a verdade. Esta última explica o motivo pelo qual Antenor se entregou à polícia: pela necessidade de garantir a fidelidade dos fatos. No entanto, não havendo a possibilidade de ouvir a versão de Frederica, o que ela sentiu, o quanto ela sofreu, não há nada de verossímil na entrevista.

2.3. ROMEU E JULIETA

Juntamente com outros mendigos, ela dorme sob um dos viadutos da cidade. Suas roupas estão sujas e rasgadas e seu corpo cheira mal. Quando o homem veio para perto e começou a acariciá-la, ela não chegou a consentir, mas também não recusou. Então ele foi até o fim, afastando-se, depois, em silêncio. Ela nada obteve que se assemelhasse a um prazer, pois a única coisa que estava apta a sentir, além da fome, era um tremendo cansaço (SANT'ANNA, 2007, p. 46).

Essa é uma das micronarrativas que compõe o conto “Romeu e Julieta”. Ela é construída através de uma imagem que incomoda: mendigos em situações precárias e o desejo sexual masculino. A cena beira o desumano ao notar-se a forma como a mulher se encontra em uma condição tão escassa de direitos, que sofre um abuso sexual, mas não consegue se importar e nem reagir. A fome e o cansaço são maiores, ela não tem controle sobre o próprio corpo e suas próprias vontades.

Observa-se que a mendiga parece nem ter consciência de que está sendo estuprada, sua condição chegou a tal nível de degradação que ela não está mais “apta a sentir”. O homem não se afeta com a situação dela, ele tem desejos sexuais e decide saná-los através da mulher. Dessa forma, o corpo feminino funciona apenas com um meio, um objeto a partir do qual a figura masculina se utiliza para obter prazer.

Ainda sobre o corpo da mendiga, pode-se considerar que ela tem, na definição de Elódia Xavier, um *corpo invisível*. Isso porque há uma completa anulação da voz e da vontade da mulher, fazendo com que ela não consiga tomar nenhuma atitude para se proteger. É “a inexistência da mulher como sujeito do próprio destino” (XAVIER, 2007, p. 34).

Tal cena permite o questionamento a respeito dos direitos das mulheres com relação ao seu corpo e à violência que sofrem. Se em condições de vida aceitáveis as mulheres são violentadas e submetidas aos caprichos sexuais dos homens, por que em uma situação precária de sobrevivência elas haveriam de ter respeito e direitos? A banalização desses atos de violência demonstra a intensa naturalização do desrespeito às mulheres, em todas as classes e condições socioeconômicas.

O narrador em 3ª pessoa apresenta a cena de forma corriqueira, dando ao leitor a sensação de estar em frente a um acontecimento comum e aceitável. Esse

fato contrasta com a decadência por meio da qual ocorre o estupro e com a qual a mendiga se encontra: roupas sujas, mal cheiro, deitada em um viaduto.

Segundo Santos, a narrativa de Sant'anna “demonstra um fascínio irresistível pelo acaso, pelo vazio, pelo silêncio” (2000, p. 48). Este último pode ser entendido como aquilo que não é falado, que ultrapassa a capacidade de representar da literatura, uma vez que é irrepresentável. Assim, cabe ao leitor compreender o significado do que não foi dito.

2.4. ARAMIDES FLORENÇA

Aramides Florença sofreu abusos do seu companheiro que, até então, nunca havia se mostrado capaz de machucá-la. Trata-se de uma história de um casal feliz que sonhou e planejou ter um filho juntos, porém, por ironia da vida, durante a gravidez o marido passou a ter atitudes descomedidas. Daí se sucedem três momentos violentos, os quais foram o suficiente para que as vidas de Aramides e a de seu filho recém-nascido, Emildes Florença, ficassem marcadas intensamente.

A história dela inclui-se no âmbito da literatura das mulheres que assumiram controle do seu corpo e do seu próprio destino, é um relato de força e superação, pois após ter sido violentada dentro de sua própria casa, ela teve que se reerguer para poder cuidar de seu filho e recomeçar sua vida.

O primeiro ato violento ocorreu durante a gravidez, quando deitada na cama com o marido e se remexendo na busca por uma posição mais confortável para a barriga, Aramides sentiu “algo dolorido no ventre” (EVARISTO, 2016, p. 13), era a lâmina do aparelho de barbear do pai de Emildes. Logo, houve sangramento e ela gritou de dor. O companheiro dela, por sua vez, não soube explicar o que aquele objeto fazia lá.

É interessante notar que o relato dos fatos se dá através de uma conversa entre a narradora e a protagonista da história e, durante toda o diálogo, Aramides não cita o nome de seu agressor, ela refere-se a ele apenas como “o pai do meu filho”, “o pai de Emildes”.

Quase três semanas depois, mais uma sutil violência foi realizada contra o corpo daquela mulher. O pai de Emildes, que quase nunca fumava, principalmente perto de sua esposa, a abraçou por trás e pressionou o cigarro aceso em seu ventre. Nas palavras da narradora-ouvinte, “foi um gesto tão rápido e tão violento que o cigarro foi macerado e apagado no ventre de Aramides. Um ligeiro odor de carne queimada invadiu o ar” (p. 14).

Ambas situações violentas são disfarçadas por meio de sutilezas como um esquecimento e um incidente. Porém elas são, na verdade, atos agressivos que parecem demonstrar um desejo tímido do marido de abortar o filho.

Logo depois que a criança veio ao mundo, o pai de Emildes começou a demonstrar uma insatisfação com relação a sua esposa não manter relações sexuais com ele e ainda ter de dividir a atenção dela com o filho: “o homem, olhando

para o filho no berço, perguntou a Aramides, quando ela novamente seria dele, só dele” (p. 15).

Alguns dias depois, Aramides amamentava seu filho quando o marido o arrancou dela, colocando-o, sem cuidado algum, no berço e, em seguida, agarrando brutalmente a mulher e a estuprando:

Ninguém por perto para socorrer o meu filho e a mim. Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou. E, em mim, o que ainda doía um pouco pela passagem do meu filho, de dor aprofundada sofri, sentindo o sangue jorrar. Do outro seio, o que ele não havia tocado, pois defensivamente eu conseguira cobrir com parte do lençol, eu sentia o leite irromper. Nunca a boca de um homem, como todo o seu corpo, me causara tanta dor e tanto asco, até então (p. 17).

A descrição acima, bem como a o restante do relato de Aramides, confirmam a hipótese de Ginzburg sobre as principais figuras de linguagem utilizadas na literatura ao se tratar da violência. Durante a descrição do acontecimento, emprega-se o uso da hipérbole para apresentar de forma intensa o caráter destruidor do ato; e depois dele, pouco se diz do ocorrido, através da elipse, pois as consequências dele são dolorosas e indizíveis.

Imagens de excesso são muito comuns em cenas de agressão, como procedimentos de intensificação. Elipses aparecem frequentemente em cenas após um ato de violência, sugerindo que foi invadido um terreno aquém do verbal, em que o que está sendo vivido não pode ser expresso adequadamente em palavras (GINZBURG, 2013, p. 30).

Além disso, a violência sexual a que o pai da criança sujeita a mulher após o nascimento de Emildes dá força à tese de que o homem, marcado por um sentimento de posse e ciúme, não desejava “dividir” sua mulher com o filho. Como consequência, ele passou a cometer violências contra ela possivelmente na tentativa inicial de abortar o bebê e, depois do nascimento, de fazer a mãe pagar pela sua ausência como esposa, de mostrar quem estava no comando.

É preciso enfatizar que o corpo de Aramides, durante a gravidez, sofreu transformações tais quais se espera do processo de gestação: “Tudo nela aumentara. O volume de cabelos, a sobrancelha e até uma pequena verruga debaixo do braço” (p. 14). Dessa maneira, pode-se afirmar que a mulher havia perdido muitos dos traços de sensualidade que atraía o marido. Logo, o produto, sua

esposa, que ele havia adquirido pelo casamento já não era o mesmo e não exercia suas funções.

Daí que o pai da criança, como fruto do machismo e do patriarcalismo, não se permite compreender as transformações da mulher e o nascimento do filho. Ele quer tê-la só para ele e quer submetê-la as suas vontades e possuir o corpo dela, pois ele é o “macho-alfa”, ele é o dominador. Bourdieu afirma:

Mas, em cima ou embaixo, ativo ou passivo, essas alternativas paralelas descrevem o ato sexual como uma relação de dominação. De modo geral, possuir sexualmente, como em francês *baiser* ou em inglês *to fuck*, é dominar no sentido de submeter a seu poder, mas significa também enganar, abusar ou, como nós dizemos, “possuir” (1999, p. 29).

Após a violência sexual, o agressor de Aramides, enquanto ela jorrava sangue, declarou que não a desejava mais, pois ela “não havia sido dele, como sempre fora, nos outros momentos de prazer” (p. 18). Nessa cena, é possível observar a culpabilização da vítima por parte de seu estuprador, o pai de Emildes, que justifica a violência cometida contra sua mulher pelo fato dela não atender aos desejos sexuais dele.

Aramides Florença foi violentada pelo seu marido, pelo pai de seu filho, dentro de sua própria casa, “E, inexplicavelmente, esse era o homem, aquele que eu havia escolhido para ser o meu e com quem eu havia compartilhado sonhos, desejos, segredos, prazeres...” (p. 18).

Registros do Sinan (2014), encontrados no Mapa da Violência (2015, p. 48), demonstram a porcentagem assustadora de agressões por parte do companheiro e de violência doméstica:

Para as jovens e as adultas, de 18 a 59 anos de idade, o agressor principal é o parceiro ou ex-parceiro, concentrando a metade de todos os casos registrados. [...]. No conjunto de todas as faixas, vemos que prepondera largamente a violência doméstica. Parentes imediatos ou parceiros e ex-parceiros (...) são responsáveis por 67,2% do total de atendimentos.

Os nomes das protagonistas-mulheres dos contos de Conceição Evaristo nem sempre são ao acaso, em verdade eles dizem muito sobre a mulher e a luta dela. Em Aramides Florença: “o prefixo *aram(e)* é risco de dor, e flor do sobrenome é indício do nascimento, semente” (SANTOS, 2017, p. 292), logo, aquela mulher, apesar de ter sido sujeitada a momentos de dor e violência, foi capaz de florescer e renascer através de si e de sua criança.

Tendo o filho sido expectador das experiências de maus-tratos as quais a mãe passou, não se pode descartar a influência desse momento nele, que também foi prejudicado e ferido. Observa-se no relato que, a partir do momento em que o pai abandonou a família, a criança criou extrema dependência da mulher, se alimentando apenas dela. Além disso, Emildes parece ter tido o desenvolvimento comprometido conseguindo pronunciar apenas os mesmos sons desde que o pai dele havia partido, há 1 ano.

Apesar da violência sofrida por ambos, Emildes recebe a criação de uma mãe dedicada e forte que não permite que agressão seja decisiva na sua vida e na de seu filho, seu “bem-amado” (p. 9).

Assim, de modo geral, a riqueza das obras de Evaristo se dá exatamente pela ligação que ela cria entre o narrar e o escrever. São relatadas as mais diversas experiências de mulheres que tiveram sua vida degradada e marcada por feridas que seriam capazes de aliená-las e destruí-las, mas elas abriram os olhos e encontraram o caminho do recomeço e do empoderamento. São histórias de mulheres a favor de si:

De modo didático, Evaristo ensina que uma mulher a favor de si pode ser uma mulher contra a família. Família, na perspectiva de um grupo de pessoas submetidas à jurisdição de um patriarca. E as narrativas da autora reescrevem: um patriarca é um pai. E ressaltam: um pai é um homem. E alertam: o pai pode ser o agressor (SANTOS, 2017, p. 290).

2.5. SHIRLEY PAIXÃO

Shirley Paixão é mãe de cinco filhas: duas legítimas e três enteadas. No entanto, ela sempre amou e cuidou de todas de forma igualitária e maternal. A história de luta de Shirley não foi por ela, mas por sua filha-enteada mais velha, Seni. Esta causava muita preocupação à mãe, uma vez que era a mais tímida e quieta das irmãs, além de muito dedicada e focada nas suas obrigações, se cobrando constantemente.

O pai, única figura masculina do lar, parecia até se incomodar com a união das mulheres: “Às vezes, o homem da casa nos acusava, implicando com o nosso estar sempre junto”, mas Shirley não se deixava abater com isso, “Nunca me importei com as investidas dele contra a feminina aliança que nos fortalecia” (EVARISTO, 2016, p. 28).

O homem da casa não possuía muito afeto por Seni e implicava com ela a todo o tempo, “ele não tinha por ela o amor de pai” (p. 30). Tal fato é bem ilustrado quando a mãe é chamada na escola pela professora da menina para saber se eles cobravam muito dela, pois a jovem costumava se censurar e apresentava mania de perfeição. Shirley explicou à docente que buscava sempre tranquilizar Seni, mas que o pai diminuía e debochava da filha.

Ao chegar em casa e relatar ao marido a conversa com a professora, Shirley ficou assustada com a reação dele: ele foi tomado pela raiva e parecia querer agredir a filha mais velha. Seni chorava e agarrava fortemente a mãe, “como se quisesse enfiar o corpo dela dentro do meu. Como se pedisse abrigo no mais profundo de mim” (p. 30).

A atitude do homem foi tão inesperada e brutal, que Shirley teve medo por ela e pela filha. Vale notar que a reação daquela criança de 12 anos foi, também, pavorosa, parecia que ela estava diante de um monstro.

Naquele mesmo dia, à noite, o homem entrou no quarto das filhas e, grosseiramente, arrancou Seni da cama, na tentativa de levá-la para os fundos da casa para violentá-la, como de costume. Contudo, naquela noite, a jovem foi tomada por uma força e não se manteve calada e submissa ao seu algoz.

As irmãs foram as primeiras a acordar e gritavam pela mãe e pelo pai para que ajudassem. Elas, inocentemente, ainda não sabiam sobre as atitudes violentas e desumanas do homem e, por isso, não o reconheceram durante o ato. Mesmo

diante do testemunho das outras filhas, o pai não recuou, prosseguindo com o comportamento violento e humilhante.

E avançou sobre Seni, gritando, xingando os maiores impropérios, rasgando suas vestes e expondo à nudez aquele corpo ainda meio-menina, violentado diversas vezes por ele, desde quando a mãe dela falecera (p. 32).

É nessa hora que Conceição revela ao leitor que o pai estuprava a filha mais velha constantemente, desde a morte da mãe dela. Logo, parece haver alguma relação entre tais acontecimentos. É sabido que os agressores costumam culpar a vítima pela sua violência, como se ela fosse merecedora dela, assim, é possível pensar que o pai de Seni a culpasse pela morte da mãe e, por isso, a castigava, abusando sexualmente da menina.

Nesse momento, compreende-se o perfil que a criança tinha: a timidez extrema, o silêncio, a mania de perfeição, a autocensura. Fatores estes que Shirley, sem saber da agressão sexual, associava à morte da mãe de Seni.

Esse conto permite questionar a associação da figura paterna como base segura de proteção, uma vez que é sabido, atualmente, que pais podem cometer atos violentos e até matar os próprios filhos:

A presença em nossa vida social de pais que matam os próprios filhos exige atenção. Seriam esses pais perturbados mentalmente, anormais, exceções? E todos os outros, normais, capazes de cumprir o feito esperado? Não se trata apenas de explicar motivações caso a caso. Há pais que matam filhos adultos, crianças e bebês (GINZBURG, 2013, p. 80).

Não demorou para que Shirley aparecesse e atingisse o marido com uma barra de ferro que havia no local. Ela foi tomada por um sentimento de ódio e pelo desejo de matar o agressor de sua filha. Tal ação só não foi perpetuada, pois a vizinha a impediu.

Nesse episódio, revela-se, para Shirley Paixão, a luta que ela sentia que teria de enfrentar com as suas meninas: “em alguns momentos eu chegava a pensar que estávamos nos fortalecendo para um dia enfrentarmos uma luta. Uma batalha nos esperava e, no centro do combate, o inimigo seria ele” (p. 28). Nota-se, portanto, que a mulher já sabia, em seu inconsciente, que havia algo de errado no ambiente familiar e que seu marido era o responsável por isso.

A cena relatada demonstra a total degradação a qual aquela criança e seu corpo estavam sujeitos. Após tantos anos sendo vítima de violência, ela finalmente havia se livrado de seu agressor, porém não havia nada que Shirley pudesse dizer para consolar a menina:

a imagem de minha menina nua, desamparada, envergonhada diante de mim, das irmãs e dos vizinhos, eu jamais esquecerei. Só quando vi o maldito estendido no chão, foi que corri para proteger Seni, e a sensação que experimentei foi a de que pegava um bebê estrangulado no meu colo. Naquele momento de total incompreensão diante da vida, eu não sabia o que dizer para Seni. Somente a embrulhei no lençol e fiquei com ela no colo, chorávamos. Ela, as irmãs e eu.

Infelizmente, a humilhação da criança não acabava por aí. Ainda era necessário, antes de tomar banho e tirar de seu corpo os resquícios de seu pai, que ela fosse levada para fazer o exame de corpo de delito e provasse o abuso a qual foi submetida. Isso porque a palavra dela não era considerada evidência o suficiente dos anos de estupro.

Ainda se tratando do corpo da vítima, é possível afirmar que Seni constituía, assim como a mendiga do conto de Sant'Anna, um *corpo invisível*, subordinado ao pai de forma tão extrema que ela não era capaz de tentar questionar ou de se defender. Nota-se que a disciplina e a dominação são processos construídos ao longo da vida da jovem através dos preceitos patriarcais e dos abusos do pai. Logo, o corpo dela possuía as marcas das estruturas sociais:

Lembrar os traços que a dominação imprime perduravelmente nos corpos e os efeitos que ela exerce através deles não significa dar armas a essa maneira, particularmente viciosa, de ratificar a dominação e que consiste em atribuir às mulheres a responsabilidade de sua própria opressão, sugerindo, como já se fez algumas vezes, que elas *escolhem* adotar práticas submissas ("as mulheres são seus piores inimigos") ou mesmo que elas gostam dessa dominação, que elas "se deleitam" com os tratamentos que lhes são infligidos, devido a uma espécie de masoquismo constitutivo de sua natureza. Pelo contrário, é preciso assinalar não só que as tendências à "submissão", dadas por vezes como pretexto para "culpar a vítima", são resultantes das estruturas objetivas, como também que essas estruturas só devem sua eficácia aos mecanismos que elas desencadeiam e que contribuem para sua reprodução (BOURDIEU, 1999. p. 52).

Os vizinhos tentaram incentivar a mãe a fugir, porém ela não queria deixar sua filha e, mesmo sabendo das consequências que isso geraria, ela se manteve lá ao lado de Seni. Dessa forma, Paixão detém o poder de seu próprio destino, "Fugindo ao estereótipo de 'mulher-vítima', Shirley assume a responsabilidade do

seu ato. Naquele momento, defender a filha do vil crime cometido silenciosamente dentro do lar era o seu móbil” (FLORES; CAVALCANTE, 2011, p. 103).

É importante ressaltar que sendo mulher, criança e negra, Seni faz parte da estimativa assustadora dos dados brasileiros sobre estupro: “Estima-se que 88,5% das vítimas de estupro são do sexo feminino e 51% dos casos ocorrem com pessoas de cor preta ou parda. De todos os estupros que chegam à rede de saúde, 70% vitimam crianças e adolescentes” (ENGEL, 2017, p. 15-16).

Além disso, Evaristo, nesse conto, permite que a literatura funcione como meio de representar a violência intrínseca ao cotidiano, aquela que subjuga as mulheres, Shirley e Seni, ao arbítrio patriarcal. No entanto, a história vai além, e atua de forma a provar que o sexo feminino não é frágil, ao contrário: se não fossem os gritos de Seni e a coragem e a força de Paixão para enfrentar o agressor de sua filha, a pequena menina de 12 anos não teria sobrevivido.

O horror da representação da violência na cena é tamanho que permite ao leitor vivenciar os mais diversos sentimentos, tais como o repúdio, o nojo, a empatia, a degradação, a pena, o medo, o alívio. Dessa forma, há um rompimento com a naturalização cultural do estupro:

uma arte e uma literatura que radicalizam o efeito chocante e que, ao ativar o poder estético negativo, se propõem a romper a anestesia cultural da realidade espetacular, propondo um choque do real, que já não pode ser integrado e absorvido no próprio espetáculo (SCHOLLHAMMER, 2013, p.168).

É interessante observar o fato de que o homem vai para a prisão pelo estupro, porém Shirley também é presa após atingir o marido com a barra de ferro. Embora estivesse defendendo a filha dos maus tratos do pai, ela foi condenada à prisão e obrigada a pagar pelos crimes do machismo.

O homem não estava morto. Recuperou a vida na cadeia. Eu vivi ainda tempos de minha meia-morte, atrás das grades, longe das minhas filhas e de toda a minha gente, por ter quase matado aquele animal. Sei que não se pode e nem se deve fazer justiça com as próprias mãos, mas o meu ato foi o de livrar a minha filha. Não tinha outro jeito (p. 34).

Assim como Aramides Florença, a protagonista deste conto não cita o nome do estuprador de Seni. Ao longo de todo o relato, ela refere-se a ele apenas como “pai”, “homem” e palavras genéricas.

Shirley Paixão relata tais fatos para a narradora-ouvinte apenas trinta anos depois do acontecido. É possível, portanto, perceber como os acontecimentos

geraram sequelas e mudaram, para sempre, o rumo da vida daquelas mulheres. No entanto, o final da história não é triste, em verdade é uma narração de superação, pois Paixão, Seni e as outras meninas puderam reinventar suas vidas e serem felizes, apesar de tudo.

Hoje, quase trinta anos depois desses dolorosos fatos, continuamos a vida. Das meninas, três já me deram netos, estão felizes. Seni e a mais nova continuam morando comigo. A nossa irmandade, a confraria de mulheres, é agora fortalecida por uma geração de meninas netas que desponta. Seni continua buscando formas de suplantar as dores do passado. Creio que, ao longo do tempo, vem conseguindo. Entretanto, aprofunda, a cada dia, o seu dom de proteger e de cuidar da vida das pessoas. É uma excelente médica. Escolheu o ramo da pediatria (p. 34).

2.6. ISALTINA CAMPO BELO

“Isaltina Campo Belo me recebeu com um sorriso de boas-vindas acompanhado de um longo e apertado abraço” (EVARISTO, 2016, p. 55). Essa é a forma como a contadora de histórias inicia o relato da vida de Campo Belo. Apenas com essa sentença, nota-se a aproximação entre as semelhantes e a forma como a protagonista esperava por esse encontro: o momento em que, finalmente, ela narraria a sua luta.

Campo Belo, desde pequena, não se identificava com o sexo feminino acreditando ter dentro de si um menino. Tal fato causou inúmeros incômodos e dúvidas à mulher, uma vez que ela não conseguia compreender como ninguém notava que havia algo de errado com ela. Como consequência, a protagonista cresceu sem namorar ninguém, porém vendo seus irmãos (uma mulher e um homem) se relacionarem com diversas pessoas.

Não demorou para que a família comesçasse a questionar Isaltina acerca do motivo pelo qual ela, uma jovem tão bonita, não se envolvia com ninguém. Logo, aos 22 anos, “sem nunca ter experimentado uma paixão, um afago, uma ilusão de amor qualquer” (p. 62), Campo Belo decidiu ir embora de casa e fugir de todas as perguntas dos familiares.

Como a mulher era discreta e não se abria com os outros estudantes e companheiros de trabalho, a decisão de ir para a cidade fazer faculdade corria bem. No entanto, eventualmente, Isaltina conheceu um colega que se disse apaixonado por ela e acabou ganhando sua confiança e tornando-se seu namorado, embora apenas conversassem. Ela contou-lhe sobre sua história e o menino que havia dentro dela. Ele, no entanto, não acreditou:

Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre o sexo entre um homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era mulher negra, uma mulher negra... (p. 64).

Chama atenção na resposta do homem o fato de que ele se via como superior a Isaltina, como o detentor da capacidade de ensiná-la a se despertar, a ser mulher. Tal visão é baseada na sexualização e na dominação do feminino. Assim, pode-se pensar que, como afirma Avelar (2011, p. 58): “Os polos masculino e

feminino vêm a ser dialeticamente constituídos num processo violento e assimétrico, no qual o feminino é o espaço circunscrito como inferioridade e penetrado pelo masculino”. Além disso, ele usa de uma ideia estereotipada, machista e racista da mulher negra ao considerar Campo Belo como fogosa.

Após ter ganhado completamente a confiança de Isaltina mostrando sempre muito respeito e afeto por ela, o homem a convidou para sua casa para uma festa em que ele comemoraria o aniversário dele. Ao chegar lá, Campo Belo foi surpreendida por um ambiente em que havia apenas ela, seu suposto namorado e cinco homens. Em seguida ela foi vítima de um estupro coletivo: “Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher. Tenho vergonha e nojo do momento (p. 64).

Humilhação, vergonha, nojo, impotência, insignificância. Estes foram alguns dos sentimentos que Campo Belo relatou ter sentido, e eles provam o potencial destruidor que a violência sexual possui, desumanizando inteiramente a mulher.

Além disso, nota-se a relação entre estupro e erotismo, os algozes de Campo Belo buscavam prazer por meio da agressão. E a associação desses fatores parece comum ao se tratar de violência:

A presença constante de práticas violentas em nossa história estaria associada ao fato de que existe prazer no movimento agressivo. O paradoxo, de acordo com essa hipótese seria aparente. Agressividade e erotismo teriam em comum a capacidade de construir tensões e desequilibrar o estado habitual das relações do sujeito com o mundo externo (GINZBURG, 2013, p. 43).

Isaltina abandonou o trabalho, “tomada por um sentimento de vergonha e impotência” (p. 65) e sete meses depois ela se descobriria grávida da violência sexual que havia sofrido. O ato feriu a mulher e a alienou tão completamente de seu corpo, que ela não foi capaz de notar a presença da criança que crescia em sua barriga: “Walquiria se fez sozinha em mim” (p. 65).

Aquela mulher que, ao longo de toda a sua vida, nunca havia se relacionado com ninguém e nem tido seu corpo tocado e acariciado por alguém, foi violada e objetificada durante a sua primeira relação sexual, tendo seu corpo e sua vida destruídos. Como se o abuso já não fosse o suficiente, Isaltina estava grávida de um estupro coletivo:

Contudo, entre tantas consequências da violência sexual, a gravidez forçada se destaca pela magnitude e complexidade dos agravos psicológicos, familiares, sociais e médicos, muitas vezes sentida pela

mulher como uma segunda forma de violência (FAÚNDES et al., 1998, Apud ZANELLO, 2016, p.60)

No entanto, a maneira que Campo Belo arranhou para cuidar de sua saúde mental e para recomeçar a sua vida foi através de sua filha, Walquiria. Embora ela tenha sido fruto de um estupro, a mulher foi capaz de amá-la e cuidá-la. Além disso, Isaltina, que já não conseguia se envolver com homens antes do abuso, depois dele viu-se ainda mais incapaz: “Tudo em mim adormecido, menos o amor por minha filha” (p. 66).

Passaram-se anos até que a protagonista da história finalmente conseguisse se envolver com alguém e descobrir o amor. A figura masculina jamais novamente fez parte de sua vida, afinal, ela se apaixonou por uma mulher, a professora da filha. Esse encontro trouxe à tona sentimentos e memórias:

Nesse emaranhado de lembranças, lá estavam o meu corpo-mulher, a cena do estupro, minha filha nascendo. E, de repente, uma constatação me apaziguou. Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim. Eu, até então, encarava o estupro como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens. Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher (p. 66).

E as duas, ela e Miríades, criaram Walquiria juntas. “Eu nunca tinha sido de ninguém em oferecimento, assim como corpo algum tinha sido meu como dádiva. Só Miríades eu tive. Só Miríades me teve” (p. 67). Pouco importava qual dos cinco algozes da mãe era o pai da menina, pois a ausência da figura paterna foi suprida por um intenso amor dado pelas duas mulheres: “Tamanha foi a nossa felicidade. Das três. Miríades, Walquiria e eu” (p. 67).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou contemplar a violência sexual e o feminicídio a fim de chamar a atenção para tais crimes, tão presentes na sociedade atual. É preciso pôr fim à apatia e à sensação de seditação que toma conta da população ao se ver confrontada pela violência, visto que só assim será possível uma reação contra as agressões e a busca pela erradicação delas.

Nota-se que as obras de Sérgio Sant'Anna e de Conceição Evaristo se aproximam quanto à temática da violência sexual contra a mulher, porém elas se diferenciam na linguagem e em outros aspectos. "O monstro" evidencia, por meio da figura culta do protagonista, a dissociação entre cultura e ética, apresentando o fim mais trágico de todos os contos: o feminicídio da jovem. Já "Romeu e Julieta" apresenta uma associação bastante naturalizada em sociedade de classes, a da pobreza com a vulnerabilidade sexual. Em contraposição a eles, tem-se as histórias de Evaristo, que são narrativas de experiência, em primeira pessoa, que provocam empatia e aproximação durante a leitura deles.

Os contos de Evaristo não expõem apenas o ponto de vista das vítimas da violência sobre os seus sentimentos em relação aos atos agressivos. Entram em pauta questões mais complexas, como a do parentesco entre agressor e vítima, a maternidade escolhida e a maternidade resultante do estupro coletivo. A simplicidade da linguagem, dada por um vocabulário comum e por construções próximas à oralidade, bem como pela presença de uma interlocutora interessada em suas histórias, põe em curso a fala de mulheres feridas fisicamente e com sequelas psicológicas. A autora, entretanto, opta por narrar ou deixar que narrem suas histórias de violência, que são também histórias de superação e de reconstrução de suas vidas.

Pode-se notar ainda algumas questões postas em discussão acerca do tema, como a culpabilização da figura feminina seja por sua beleza, pela perda de atributos femininos, pela opção sexual que tenta ser enunciada, pela vulnerabilidade das filhas ou da moça pobre em estado de miserabilidade. A análise dos contos revelou também a permanência de traços centralizadores, dominadores e destrutivos dos personagens masculinos os quais ainda agem por meio da lógica patriarcal. Tal fato torna-se visível pela fala articulada do homem culto, pelo descaso

do homem para com a mendiga, pelas atrocidades do pai, do marido e do namorado. Ao narrar a história da violência contra essas mulheres, os contos apontam para as construções sociais ainda vigentes, acessando seus mecanismos de controle e permanência.

Na definição de Ginzburg (2013, p. 31), em “O monstro”, o *agente da violência* é o próprio narrador e concretizador dos atos agressivos; em “Romeu e Julieta”, o narrador não tem participação ativa no ocorrido e funciona apenas como o expositor dos fatos, se colocando a distância deles; e, por fim, em “Aramides Florença”, “Isaltina Campo Belo” e “Shirley Paixão” as narradoras são as *vítimas da violência* e se utilizam de uma linguagem que busca transmitir o sentimento despertado pelos acontecimentos.

A partir desse estudo, é possível observar como a violência contra a mulher se faz presente no dia-a-dia e está mais próxima do que se costuma imaginar. É preciso, pois, desvencilhar o crime sexual da ideia de que apenas “homens errados” e pessoas com deficiências mentais ou anomalias sociais o cometem, e compreender que ele pode ocorrer nos mais diversos ambientes e ser realizado por qualquer um.

Faz-se necessária, também, uma conscientização da população em prol da igualdade entre os sexos de forma a pôr fim ao machismo e ao patriarcalismo que constroem uma sociedade pautada na inferioridade feminina e na sua submissão.

Por fim, a literatura mostra-se extremamente relevante na luta contra a violência, atuando através de elementos, imagens e relatos que buscam desenraizar os crimes da cultura brasileira, apontando ao leitor conteúdos éticos necessários ao debate sobre o tema na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVELAR, Idelber. **Figuras da violência**: ensaios sobre narrativa, ética e música popular. 1 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2011. 268 p.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. Tradução de Maria Helena Kuhner.
- ENGEL, Cíntia Liara. **As atualizações e a persistência da cultura do estupro no Brasil**. Rio de Janeiro: Ipea, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- FLORES, Conceição; CAVALCANTE, Ilane Ferreira. O grito do silêncio: uma leitura do conto Shirley Paixão. **Verbo de Minas: Letras**, Juiz de Fora, v. 12, n. 20, p. 97-110, ago./dez. 2011.
- GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2017.
- _____. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas: Autores Associados, 2013.
- KAUR, Rup. **Milk and Honey**. Alemanha: Andrews Mcmeel, 2015.
- PIRES, Maria Isabel Edom. **Formas e dilemas da representação da mulher na literatura contemporânea**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- SANT'ANNA, Sérgio. **O monstro**: três histórias de amor. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. **50 contos e 3 novelas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SANTOS, Luciany Aparecida Alves. **Bravas mulheres a favor de si**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- SANTOS, Luis Alberto Brandão. **Um olho de vidro**: a narrativa de Sérgio Sant'Anna. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Cena do Crime**: violência e realismo no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SEGATO, Rita Laura. Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura nos corpos das mulheres da Ciudad de Juarez. *Revista Estudos Feministas*, Brasília, v. 13, n. 2, p. 265-285, mai./ago. 2005.

_____. **Que és un feminicídio**: notas para un debate emergente. Brasília: Série Antropologia, 2006.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015**: homicídio de mulheres no Brasil. Brasília: Flacso, 2015.

XAVIER, Elódia. **Que Corpo é Esse?**: o corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Mulheres, 2007.

ZANELLO, Valeska; PORTO, Madge. **Aborto e (não) desejo de maternidade(s)**: questões para a Psicologia. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016.